

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

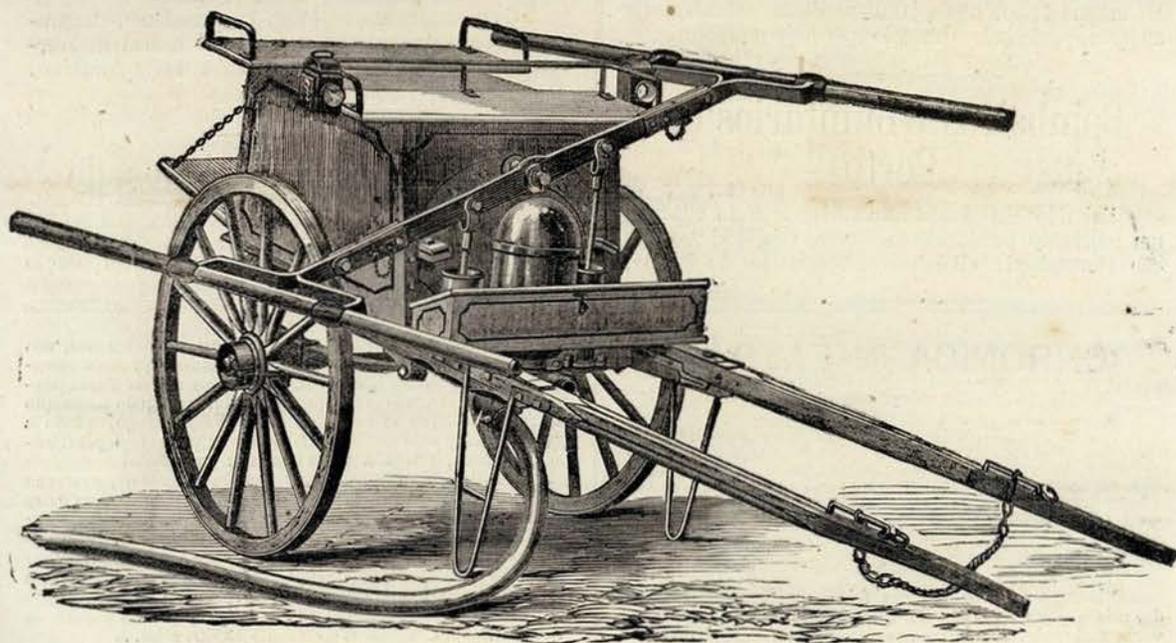
A BOMBA DOG-CART

E' especialmente destinada para os paizes montanhosos a bomba cujo desenho publicamos hoje porque sendo tão leve como é, facilmente pôde ser transportada por um cavallo, circumstancia que realça o seu merecimento, visto que contribue para que esta machina possa substituir sem prejuizo para o serviço, muitas das bombas que são tiradas por uma parelha.

Aonde, porém, as suas vantagens se fazem notar mais sensivelmente, é no campo ou nas pequenas cida-

bombas inglezas. No corpo do carro ha quatro lugares para outros tantos bombeiros, sendo dois na frente e dois atraz.

A *concha* da frente é formada por um cofre para conducção das agulhetas, ponteiras, chaves, machados e ferramentas miudas e a do lado opposto, pela tampa da caixa do carro, aonde são conduzidas as mangueiras, aspiradores e archotes. As duas lanternas collocadas aos lados, servem em caso de necessidade pa-



des, em que o serviço publico dos incendios se torne extensivo ás aldeias ou povoações circumvisinhas e que a distancia a percorrer seja muitas vezes grande porque poderá comparecer com mais presteza e facilidade por caminhos quasi sempre estreitos, o que não aconteceria se a bomba fosse de maiores dimensões como as de quatro rodas para serem puxadas por dous cavallos.

A nossa gravura representa a bomba «Dog-Cart» já preparada para entrar em acção; isto é, sem o cavallo e pouzada nos descãos collocados pela parte inferior da boleia, pois que esta machina não necessita ser desmontada para trabalhar, como quasi todas as

ra alumiar os bombeiros durante o reconhecimento do incendio ou para outros quaesquer trabalhos, para cujo fim tem uma aza na parte superior. Os varaes, depois de tirados dos respectivos olhaes dos TT da picota, são collocados de cada lado do carro para não estorvarem o seu andamento, quando em caminho para o local de sinistro ou no regresso para o quartel.

A haste da picota tambem dobra, para maior commodidade, depois de retiradas as respectivas chavetas.

Esta machina é aspirante, e o tubo aspirador é atarrachado pela parte inferior da base da culatra, assim como o tubo emissorio. O systema do machinis-

mo é o mesmo que o das bombas francezas «Fland», com a unica differença que a bomba de que vimos tratando não tem caldeira, porque se alimenta de um tanque de lona, que fecha em fôrma de livro e que é conduzido entre o eixo e o fundo do carro.

Estas machinas são fabricadas em tres tamanhos differentes para serem manobradas por dez, dezeseis e vinte homens, podendo consumir desde cincoenta e cinco galões d'agua por minuto até cem e alcançar a distancia de vinte e sete a trinta e seis metros.

O seu custo é de cincoenta e cinco, sessenta e cinco e oitenta e cinco libras, conforme o calibre.

N'este preço não são incluídas as mangueiras, tubos aspiradores, agulhetas, tanque, lanternas e os outros accessorios que devem acompanhar todas as bombas.

São na verdade dignos do maior elogio os seus fabricantes, os srs. Merryweather & Sons, pela maneira como souberam combinar tão ingenhoso aparelho, que não só occupa um pequeno espaço, mas que accomoda tudo quanto é indispensavel para se poder combater qualquer incendio, sem que por isso o pezo seja excessivo, pois que um cavallo facilmente o pôde arrastar.

Para os municipios ou companhias particulares que desejarem possuir uma machina que reuna as condições indispensaveis de segurança e efficacia e que ao mesmo tempo não seja dispendiosa, avizadamente andarão, preferindo o modelo que hoje publicamos.

Bombeiros Voluntarios do Porto

Foi lido em sessão camararia de 6 do corrente um officio do presidente da direcção da Real Associação Humanitaria «Bombeiros Voluntarios do Porto»,

CHRONICA THEATRAL

O inverno rigoroso que tem feito e que continúa fazendo, atirou-nos uma serie de calamidades, que nos têm de veras torturado. Desmoronamentos, cheias, tufões, naufragios, etc; desastres após desastres, uma infinidade de coisas peizadas, que nos affligem sobremodo.

De envolta com a chuva e com o vento, misturada com um desmoronamento e com uma carga electrica, cahiu sobre nós a «Viagem á roda da Parvonia», relatório em 4 actos e 5 quadros, do conselheiro Gil Vaz.

Uma prevenção: o relatório supra, não pôde nem deve ser tratado a serio; ha produções que podem ser insignificantes, mas dignas de respeito da critica; esta de que nos occupamos, repetimos, não o pôde ser.

Firmado por um pseudonymo que occulta dois nomes gloriosos da nossa litteratura, devia dar mais; não o deu, ficou muito á quem do que poderia escrever um caixeiro lido em folhinhas e reportorios e d'ahi a nenhuma importancia que lhe ligamos.

A imprensa da capital, que muito presamos, e cuja opinião temos em muita conta, annunciava, ha muito tempo já, o apparecimento d'uma peça theatral que deveria fazer epocha.

participando que em virtude da nomeação do inspector dos incendios e visto o novo regulamento estar prestes a ser posto em execução, aquella corporação intendia dever preparar-se para prestar os seus serviços á cidade, para cujo fim assim o communicava á vereação, esperando lhe fosse dispensada toda a protecção e bom acolhimento. Pedia, igualmente, para que a camara declarasse qual o dia em que seria posto em vigor o regulamento.

Emquanto á primeira parte, a camara respondeu que ficava inteirada; e em quanto á segunda, que fosse a informar ao vereador respectivo.

Julgamos mais acertado por enquanto não fazer commentarios, tanto ácerca da resolução que a direcção dos bombeiros voluntarios acaba de tomar, como da resposta da camara.

Como chronicistas registramos apenas os factos e não os analysaremos já para não sermos preceptitados.

Bombeiros Voluntarios de Braga

Os Bombeiros Voluntarios de Braga fizeram publico o seguinte:

BOMBEIROS VOLUNTARIOS

Com authorisação do sr. commandante, declara-se: cada pessoa que, em occasião de incendios, acartelar cantaros de agua para a bomba dos voluntarios, receberá 40 réis por cada um.

Bombeiros Municipaes de Braga

Lavra grande descontentamento n'esta corporação

A proposito, publicava uns dialogos, uns trechos, uns ditos, e toda a gente achava graça; sabia-se quem os escrevera, e tanto basta. Entre nós, avalia-se o merito d'uma produção qualquer, não pelo que ella vale, mas pelo nome que a firma. Publique-se uma ineptia de Victor Hugo, e toda a gente dirá: é sublime! Annuncie-se uma phrase eloquentissima de Ansur, e toda a gente bradará: que idiota!

E' assim. Um dos colaboradores da «Viagem», escreveram um dia uma comedia (pelo menos classificou assim uma coisa qualquer em 4 actos) que encheu de ditos finos e engraçados; toda a gente, que os ouviu, riu-se muito e gostou.

D'ahi, o seguinte: phrase que appareça, imputada ao autor do «Rosalino», tem rimas de graça, ainda que seja a coisa mais sensaborona d'este mundo.

Pois o publico não achou muita graça a esta phrase da «Viagem»—srs. electores do circulo 13500 réis!...

Efectivamente, é d'um espirito... espirituoso! Mas, adiante.

Fallava-se, com insistencia, n'uma peça burlesco—satyrico—picante—critico—universal, escripto por dois rapazes prenhes de espirito, de talento e de critica.

Um dia, apparece a coisa: cartazes enormes, reclames enormes, impaciencia enorme, concorrência enorme e o publico viu uma massada enorme, que teve uma pateada enorme, porque aquillo tudo é uma enormidade!

Efectivamente: o relatório tem 4 actos e 5 quadros, allusivos a diversos acontecimentos conhecidos; allude-se á tristissima e chatissima lucta poetica, aos comicos jantares de mad. Rattazi, offerecidos aos estomagos litterarios dos «Victores Hugos» e dos «Schakspeares» lisboenses, ao methodo de João de Deus, que talvez desagradasse aos auctores da pantomima, por o inventor ser «ainda poeta lyrico», a umas eleições; com uma greja perto de duas tasas, uma sessão do parlamento, em que se fala no «bicho», etc., etc., etc.

Os autores, pretenderam ridicularisar as nossas institui-

constando-nos até que alguns bombeiros se recusam terminantemente a fazer serviço.

A origem de todas estas dissidências provém de certas reformas que a camara municipal propoz ou tenciona propôr com referencia á companhia de incendios. Afirmam-nos que a corporação de bombeiros, que era composta de cento e tantas praças, vaer ser reduzida a metade e que vão ser supprimidos os piquetes nocturnos nas estações das bombas. Ao que parece, estas medidas não são bem accites pelos bombeiros e d'ahi a discordia e descontentamento que lava no seu seio.

Não sabemos quaes as verdadeiras medidas e reformas que a camara pretende adoptar ou as razões que tem para justificar o seu procedimento; porém, parece-nos que o serviço dos incendios da cidade de Braga ficaria, proporcionalmente, em muito melhores condições que no Porto, possuindo quatro bombas, todas de duplo effeito e dois carros de escadas e material, pois que as estatísticas não mencionam mais do que dois ou o maximo tres incendios por anno.

Ora, sendo o pessoal de cada bomba composto de dez praças e o de cada carro de doze, ahi temos sessenta e quatro homens; e portanto não nos parece que o numero de cincoenta seja tão sensivelmente inferior que mereça reparo.

Se os incendios fossem muito repetidos e trabalhosos, de forma que o pessoal, extenuado da faina da noite, não estivesse em condição de acudir a outras calamidades no dia seguinte, nós seriamos os primeiros a não apoiar as medidas que a camara pretende adoptar; mas desde o momento em que tão avultado numero de individuos é superfluo e desnecessario, somos os primeiros a approvar as medidas de supressão.

Já não somos da mesma opinião com referencia aos piquetes nocturnos, que não desejaríamos ver abolidos, pois que o serviço dos incendios perderá com

ções politicas, os nossos homens d'estado e os acontecimentos que mais se destacam n'um paiz.

Isto de fazer critica aos costumes, ás instituições e aos acontecimentos d'um povo, não é tomar uma chavena de café, saborear-se um calix de kermann, ou escrever-se um folhetim para qualquer jornal d'além mar. Quem quizer ser judicioso e prudente, imparcial e justiceiro, não discute politica nos botequins, nos passeios, nos restaurantes; estuda, com reflexão, analysa com methodo, observa e compara. Não lê o «Diario de Noticias» ou o «Pimpão», estuda os economistas e os habéis politicos, medita e pensa antes de se aventurar a fazer critica.

Objectar-nos-hão que os autores não quiseram fazer critica, mas espirito. Peor ainda; ha coisas tão importantes e tão respeitaveis, que todo o homem é obrigado a venerar. Em um outro paiz, mais liberal, mais progressista que o nosso, quem escrevesse tal banalidade, como o relatorio em questão, seria immediatamente incorporado na fileira em que devem estar todos os individuos que perderam o senso commun.

Nós ainda perguntamos: O que é a «Viagem á roda da Parvozia?... Que espirito possui, que verdade encerra, a que fim mira?...

Não sabemos. Provavelmente a fazer mostrar os recursos vocaes d'umas coristas, cantando umas coplas de «Santo Antonio», de Braz Martins, e a habilidade d'um jumento, em se mostrar submisso, como a dizer que não tem culpa de que uns espiritos exquisitos o apresentassem em scena. O burro ha-de sempre parte obrigada n'estas inconveniencias.

A plateia da capital, pateou desabridamente a peça; chamou os auctores, mas elles tinham partido para a Zambezia! Tabora apanhou a manifestação da plateia, e desmaiou no camarim.

Isto, em Lisboa, na cidade que conhece o conselheiro Gil Vaz, e que já lhe ajudou a «acender a Lanterna Magica»: no Porto, apezar da grei progressista haver distribuido

tal alteração e a economia não será tão sensivel que vá engrossar o cofre do municipio.

A rapidez dos socorros é uma das primeiras qualidades que se devem desejar em qualquer corpo de bombeiros; e com certeza, estando os conductores das bombas muito descansados em suas casas, as quaes nem sempre são tão proximas do quartel, quanto era para desejar, não poderão elles comparecer tão rapidamente como se estivessem de guarda, promptos a sahir ao primeiro grito d'alarma.

A razão que leva a camara a supprimir os piquetes nocturnos é, segundo nos informam, a economia; porém se o estado das suas finanças é tão precario que não se possa dispender dois ou tres patacos por noite, então ordene que os candieiros só sejam accesos, no caso de necessidade, para tirar a bomba—mas não termine com os piquetes, porque o facto dos bombeiros estarem de prevenção não augmentará a despeza.

Segundo nos informam, ha já tres regulamentos para os bombeiros e cada um dos seus autores pretende fazer valer os seus direitos para que, as leis que estatuiu sejam as preferidas. Estas e outras circumstancias, das quaes procuraremos informações teem dado logar ás dissidências que se teem levantado na companhia bracaraense e das quaes a imprensa já se tem occupado.

Bom seria que terminassem os despeitos pessoases e particulares a bem dos interesses de todos, que poderão ser muito fatalmente affectados, se não se tomarem energicas providencias para impedir o mal.

No proximo numero seremos mais explicitos.

Incendio em Teixoso

Na noite de 4 do corrente houve um grande incendio na villa de Teixoso, a uma legua da Covilhã em que foi reduzida a cinzas a propriedade do snr. João

bilhetes, e comprar applausos, nos botequins aos ociosos, a peça cahiu, como cahem todas as coisas pequenas e vulgares.

A «Lourinhã» tambem deu o seu contingente na cidade invicta; «Freixo d'Espada á Cinta», não veio vingar a «morte» do filho adorado!

Entre nós, o relatorio em 4 actos e 5 quadros, até no vestuario foi ridiculo. Joaquim d'Almeida, vestido de D. Quixote, parece um barqueiro: faltava-lhe unicamente o remo. Depois umas virgens, recrutadas em qualquer travessa, vestidas de branco, a cantarem umas coisas muito velhas e muito cançadas, etc., etc., etc.

Ora, no meio da trapalhada a que assistimos, perguntamos ingenuamente a um amigo—os autores quererão mangar connosco, ou isto que é!... responde o amigo—não sei, mas eu diviso por baixo da mascara, a cara do Jayme dos Opusculos, ou de Rosalino da Luz da Rasão.

Fiquei satisfeito e retirei-me. Concluindo. O relatorio é uma pantomima, digna da baraca de Belem, das Amoreiras, e do S. Miguel; tanto póde ser escripta pelo conselheiro Gil Vaz, como póde ser collaborada pelo rodeiro de qualquer typographia.

Caro Gil Vaz... outro officio; Ansur cahiu, e é bom que se não torne a levantar.

Soller realison o seu beneficio, com o drama «Os ladrões do mar». O distincto artista teve uma festa á altura dos seus merecimentos; bem o merece.

Porto—1879.

F. P.

Augusto Mendes Luiz Soares, a qual servia de armazem de fazendas, e ferragens e quinilherias dos snrs: Soares & Donoso. Tanto a propriedade como o armazem estavam seguros em companhias portuguezas. As perdas são importantes. A população consternada acudiu ao incendio, mas pouco poudé fazer por falta de material apto para o serviço de extincção.

Almanach do Bombeiro Portuguez

Acha-se á venda na Livraria Civilisação, rua de Santo Ildefonso, 8 e 10; rua do do Bomjardim n.º 497 (pateo do Paraíso) e em todas as livrarias, nas tabacarias Nova Casa Havaneza, rua de Santo Antonio; Havaneza, praça de Carlos Alberto; Luso-Brazileira, praça da Batalha; Academica, rua de Santa Catharina, e em casa do snr. Guilherme Covian, rua de Santo Antonio, 188,

Preço.....300 réis

O NOVO REGULAMENTO

DOS

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DO PORTO

(Continuado do numero 45)

CAPITULO XV

DOS PIQUETES

Art. 126.º Os piquetes serão commandados por um patrão, aspirante ou outro qualquer bombeiro, conforme fôr designado pelo commandante, que confeccionará uma escala para esse serviço, afim de que não seja mais pezado a uns do que a outros.

Art. 127.º O piquete deverá comparecer no seu posto á hora indicada, completamente uniformizado e só retirará á hora que fôr designada.

Art. 128.º É prohibido deixar no dormitório, durante o dia, quaesquer utensilios ou roupa que não seja alli pertencente.

Art. 129.º O dormitório conservar-se-á fechado até á noite, depois da sahida do piquete, mas é-lhe permittido conservar-se alli mais tempo do que a hora designada para a sahida, quando por ventura desejar descansar ou dormir por mais tempo.

Art. 130.º Não é permittido fazer barulho no dormitório ou conversar alto, de fórma que incomode os que quiserem descansar.

Art. 131.º Aquelles que forem nomeados para este serviço poderão fazer-se substituir por qualquer dos seus consocios activos, declarando na tabella respectiva o numero do substituto.

Art. 132.º Aquelles que por motivo de força maior não poderem comparecer, deverão avizar anticipadamente o commandante do piquete, para este dar as providencias que julgar acertadas; e o mesmo deverão fazer, quando não poderem comparecer á hora indicada ou tiverem de se retirar mais cedo.

Art. 133.º É permittido áquelles que não estiverem de piquete, ficar tambem de prevenção no dormitório, comtanto que não incomodem os que estão de serviço, porque do contrario, poderá o chefe do piquete mandal-os retirar.

Art. 134.º A bomba, quando puxada a cavallos,

sae desde o momento em que tiver dois voluntarios completamente uniformizados para a acompanhar; e depois do signal da partida, não pára para receber voluntario algum.

Art. 135.º O piquete toma o logar na bomba puxada a cavallos, pela seguinte fórma: o 1.º voluntario que chega, senta-se á esquerda do cocheiro, e os outros nos logares de traz, deixando livre o logar da frente, do lado esquerdo, para o chefe do piquete ou graduado.

§ unico. Na falta de qualquer graduado ou chefe de piquete occupará o logar da frente, do lado esquerdo, aquelle que assumir o commando.

Art. 136.º Nas subidas, quando fôr necessario, deverão aquelles do piquete que occupam os logares de traz, descer para não sobcarregarem os cavallos, mas a bomba não pára sob pretexto algum.

Art. 137.º É prohibido aos estranhos occuparem qualquer dos logares da bomba.

Art. 138.º Na falta do piquete, têm a preferencia os voluntarios de numeros mais baixos ou mais altos, conforme fôr designado por meio de uma escala, formulada pelo commandante.

Art. 139.º No regresso da bomba, não estando completo o piquete, occuparão os logares d'aquelles que faltaram, os mesmos voluntarios que a acompanharam para o local do incendio.

Art. 140.º O chefe do piquete tem por dever fazer cumprir estas disposições, assim como outras quaesquer ordens que receba, dando parte por escripto de qualquer transgressão, dentro do prazo de 12 horas.

Art. 141.º Na falta do chefe do piquete, toma o commando o mais antigo, que cumprirá e fará cumprir tudo quanto estiver determinado para este serviço.

Art. 142.º Os piquetes que forem feitos pelos serventes serão regulados pelas disposições acima exaradas e pelas ordens que o commandante julgar necessarias.

Art. 143.º Os piquetes dos theatros só serão feitos pelos voluntarios, quando este obsequio lhes fôr sollicitado competentemente por occasião de beneficios de caridade, de associações de soccorros ou beneficencia, ou quando digam respeito a esta associação ou a alguns dos seus membros; mas sempre com o consentimento do inspector geral e depois de ouvida a direcção.

Art. 144.º Ao commandante, compete designar o numero de bombeiros voluntarios que deverão compôr esse piquete, para cujo fim deverão ser sorteados de entre aquelles que não tiverem n'essa occasião piquete nocturno.

Art. 145.º Seguir-se-á o mesmo processo para a escolha do graduado ou graduados que tiverem de commandar o piquete, assim como com relação ao rondante, quando o voluntario de ronda, durante aquella semana, fôr de patente inferior á do chefe do piquete.

Art. 146.º Os sorteados deverão apresentar-se na estação principal, á hora indicada, devidamente uniformizados, e d'ali seguirão debaixo de forma até ao theatro, apresentando-se em seguida ao chefe do piquete dos bombeiros municipaes, se já lá se achar, ou logo que este compareça.

§ unico. Dado o caso, porém, que o chefe de piquete dos bombeiros municipaes seja de patente inferior ao do chefe de piquete dos bombeiros voluntarios, este procederá como julgar mais acertado e em harmonia com as ordens que tiver recebido superiormente.

Art. 147.º É permittido áquelles que forem sor-

teados para piquetes de theatros, fazerem-se substituir por qualquer dos seus consocios de igual graduação, e que não esteja de serviço á sua estação durante aquella noite.

Art. 148.º Ao chefe de piquete, compete-lhe, em primeiro lugar, examinar se os utensilios para extinção de qualquer incendio estão no local competente e preparados para qualquer eventualidade; em seguida, proceder com o maior escrupulo á distribuição do serviço, de combinação com o graduado municipal, e vigiar que todos occupem os logares que lhe foram destinados e cumpram as ordens que receberem.

Art. 149.º Aquelles que estiverem de folga poderão vir para as plateas, mas é-lhes prohibido ausentarem-se do theatro, sob pretexto algum, sem auctorição.

Art. 150.º No caso de incendio no theatro, procederão á sua extinção sem fazer alarma e por fórma que os espectadores ignorem o succedido; mas quando isto seja inteiramente impossivel, deverão empregar todos os esforços para tranquilisar o publico, fazendo evacuar a sala do espectáculo, quando virem que o incendio toma grandes proporções e empregando todos os meios para que isto se faça com a maior promptidão, com a menor confusão possivel, mandando immediatamente alguém á estação chamar a bomba.

Art. 151.º Aquelles que estiverem de sentinella teem por dever não fumar, e cumpre-lhes vigiar a iluminação ou fogos de artificio etc. de que fizerem uso os empregados do theatro, redobrando de vigilancia, quando depois de os advertir, ainda commetterem alguma irregularidade, assim como não consentirão que mudem a bomba ou quaesquer utensilios de extinção, do lugar que lhes fôr destinado ou colloquem peças de scenario etc. na frente d'esses appparelhos.

Art. 152.º Findo o espectáculo e depois de evacuada a sala, procederão a um exame junctamente com os bombeiros municipaes para se certificarem de que não fica vestigio algum de lume, retirando depois todos debaixo de fórma, na occasião em que o fizerem os bombeiros municipaes, podendo o chefe do piquete mandar destroçar a 10 passos do theatro para que cada um tome o rumo que lhe aprouber.

Art. 153.º O piquete, durante o tempo do espectáculo não abandona o seu posto para acudir a qualquer incendio fóra do theatro, quando lá não estiver piquete algum de bombeiros municipaes, a não ser que o incendio seja na visinhança, a distancia não superior a 50 metros.

Art. 154.º Dentro do praso de 12 horas o chefe do piquete deverá remetter ao commandante o ponto tomado áquelles que estiverem de serviço, designando ao mesmo tempo qualquer occorrença, assim como as horas a que foi rondado.

Art. 155.º Ao rondante, cumpre-lhe comparecer no palco do theatro, pelo menos duas vezes durante a noite, para verificar se o serviço é feito conforme fica ordenado e participar ao commandante dentro do praso de 12 horas qualquer occorrença ou transgressão que presenciase, assim como as horas a que rondou.

(Continúa).

Suspensão

Segundo nos consta por pessoa de indubitavel credito, o fiscal Almeida continua praticando as suas tropelias habituaes.

Não contente com assumir attribuições que lhe não pertencem, como por mais do que uma vez temos demonstrado, acaba de intrigar por tal forma um primeiro sargento da bomba da companhia municipal d'esta cidade, que o commandante Pimenta houve por bem suspendel-o, provavelmente na sua boa fé, julgando verdadeira a queixa.

Não censuramos o sr. Pimenta, comquanto tivesse por dever ouvir primeiro o accusado antes de o punir. Se narramos este acontecimento é porque desejamos que se investigue minuciosamente qual a origem dos factos a fim de se apurar a verdade, pois estamos certos que a razão não está do lado do queixoso.

Pelas informações que obtivemos, o fiscal Almeida, de seu motu proprio e sem a devida requisição, mandou concertar a corda do sino da capella de Santa Catharina, que se achava partida, segundo participação policial. Em seguida e sem dizer o que já havia feito, ordenou ao sargento a quem compete aquelle districto que lhe passasse uma requisição, declarando que a corda do sino de alarma estava quebrada, porém como todos já conhecem o tal Almeida, o dito sargento, temendo qualquer trama, foi primeiro certificar-se e como visse que não havia novidade, não requereu como lhe ordenára o fiscal.

Ignoramos em que termos foi concebida a queixa, mas o que sabemos, é que ella foi de tal ordem que o sr. Pimenta julgou do seu dever suspender o accusado.

Pedimos unicamente justiça e muito embora sejam os primeiros a querer que se castiguem os culpados, não podemos deixar de sentir que soffram os innocentes.

Até agora, muito embora não houvesse regulamento, era costume os chaveiros experimentarem as cordas dos sinos das suas torres e participarem aos seus sargentos qualquer irregularidade que houvesse; no entretanto, o fiscal que sempre teve por habito assumir attribuições que lhe não pertencem, julgou que era chegada a occasião de exercer vinganças pessoas, por motivos que nós conhecemos, mas que escusado será relatar, e apressou-se em obter a suspensão de um seu collega, sem que este a merecesse.

Infelizmente, enquanto o regulamento não fôr posto em execução e o digno inspector já nomeado não tomar posse, teremos de registrar muitos d'estes factos, que teem sido a causa da desordem e anarchia que temos presenciado e que a camara é a primeira a conhecer.

Pedimos, portanto, providencias em nome da moralidade e da justiça, e que se proceda a rigorosa syndicancia a este respeito, porque, dado o caso que o fiscal esteja culpado, é necessario, é indispensavel castigar-o severamente. Se por ventura o culpado fôr o sargento, o que não acreditamos, creiam que seremos os primeiros a louvar a pena que lhe foi applicada e a fazer justiça ao procedimento do fiscal.

Confiamos que o sr. vereador do pelouro dos incendios, que já por mais de uma vez tem attendido as nossas queixas, considere esta igualmente de justiça, porque é de urgente necessidade reprimir-se tantos abusos que poderão acarretar bem funestas consequencias.

Incendios na Russia

Segundo o «Mensageiro official» da Russia, o numero dos incendios occorridos n'aquelle imperio, durante o anno findo, elevou-se a 33;329.

Na provincia de Nijni-Nowgorod, aquella onde se deram mais, houve 1:545; veem depois: Tambow com 4:497, Saratow (1:310), Kalonga (1:086) e Moscow (1:045).

A provincia de Moscow foi a que mais teve que soffrer com os incendios: os prejuizos ascenderam a 5:925:709 rublos; no governo de Riazan subiram a 3:187:786 rublos, e no de Koursk a 2:274:154; o total das perdas motivadas pelos fogos no imperio foi de 63:075:524 rublos.

Os incendios premeditados foram 5:283.

Morte desastrada

Na occasião em que o bombeiro municipal d'esta cidade, n.º 34, de nome Joaquim Teixeira, o *Campanhã*, marceneiro, tirava da estação o carro do material, auxiliado por outro individuo que ignoramos se era bombeiro, não pôde sustentar o carro e cahiu, passando-lhe aquelle por cima. Foram taes os ferimentos, que dentro em pouco succumbiu, já em sua casa, para onde fôra conduzido pelo guarda civil n.º 118.

Este desventurado bombeiro achava-se á porta da habitação na occasião em que as torres chamavam os soccorros para Villa Nova, na noite de 9 do corrente; e com a ambição de ganhar o premio, nem se lembrou que os seus 64 annos já lhe haviam feito desaparecer todo o vigor e que não tinha o numero preciso de homens para o ajudarem a transportar o carro.

O castigo foi severo e muito mais severo do que aquelle que impõe o regulamento ao que conduzir qualquer bomba, não tendo mais tres homens para o coadjuvar; e sendo carro de material, não tendo mais cinco.

Que sirva ao menos de lição este exemplo.

A este respeito, lembraremos o que diz o regulamento, a fim de que os bombeiros, logo que elle seja posto em vigor, saibam cumprir aquella disposição e possam, desde já, proceder n'essa conformidade.

Diz o artigo 111: «Nenhuma bomba poderá sair da sua estação com menos de quatro homens, e nenhum carro com menos de seis, seja qual fôr a distancia e natureza do caminho a percorrer.

§ 1.º A falta de cumprimento d'este artigo será punida com a perda do premio, se a machina o houver ganho, e além d'isso com a suspensão por trinta dias applicada aos contraventores.

§ 2.º Se da contravenção resultar atropelamento de alguém ou estrago de material serão expulsos os infractores.»

Missa

No proximo domingo, 23, rezar-se-á na capella do convento da serra do Pillar uma missa em acção de graças por a Providencia ter permittido que os bombeiros não fossem victimas de tão devastador incendio, como foi o da noite de trez do corrente em Villa Nova de Gaya.

Louvamos o zelo de tão digno commandante, como é o sr. Eduardo da Costa Santos, que procura por todos os meios dar bons exemplos aos seus subordinados, mostrando ao mesmo tempo que os sentimentos religiosos são compatíveis e até indispensaveis para aquelles que arriscam a vida na ardua profissão de bombeiro.

Chronica e analyse dos incendios no Porto, desde 1 a 15 de fevereiro

3 DE FEVEREIRO—A 1 hora da madrugada em Villa Nova de Gaya. O incendio manifestou-se no armazem n.º 50 da rua do Sacramento, de que é proprietario Arnaldo Alves de Souza, e em que o commerciante Joaquim Lopes da Silva tinha armazenados 400 pipas de vinhos finos e alguma aguardente.

Na occasião em que as torres davam o signal de incendio a chuva cahia a torrentes, difficultando o transito nas ruas e as chammas elevavam-se a grande altura.

Suppõe-se que a imprevidencia de alguns operarios que tinham estado a trabalhar no armazem durante o dia, desse causa ao sinistro, por virtude de algum morrão ou ponta de cigarro.

Apezar da promptidão dos soccorros e dos esforços empregados pelos bombeiros, a força das bombas era impotente para debellar tão terrivel elemento, que se tornára ainda mais voraz e assustador, alimentado pela aguardente.

As pessimas condições em que se acham construídos quasi todos os armazens d'aquella localidade, facilitaram a communicação do incendio, não só pelos telhados que não teem *guarda-fogo*, mas pelas portas interiores; e dentro em pouco eram igualmente pasto das chammas outros armazens contíguos, pertencentes a Miguel de Souza Guedes, que tambem ali tinha vinhos e grande quantidade de cascos vazios.

Tanto o armazem do sr. Lopes da Silva, como os do sr. Guedes, estavam seguros nas companhias «Fidelidade», «Seguros Douro», «Garantia» e em uma companhia ingleza. Os prejuizos sobem a cerca de 70:000\$000 réis.

A estreiteza das ruas, falta de agua, de material e de bombas adequadas para conflagrações d'esta natureza e violencia, porque a agua pouca ou nenhuma acção exerce na extinção de incendios alimentados por materias alcoolicas, tudo contribuiu para que o incendio tomasse tão grandes proporções; e maiores seriam as desgraças e prejuizos se a coragem, dedicação e boa vontade com que todos trabalharam, tivessem falhado.

Na verdade, poucas vezes temos visto os bombeiros trabalhar com tanto acerto e com tanto risco, porque ainda aqui não presenciámos incendio algum que tão assustador se apresentasse.

Além dos commandantes do Porto e Villa Nova que desenvolveram a maior actividade e zelo, cumprenos fazer especial menção das guarnições dos carros e seus respectivos sargentos e muito principalmente do sargento Barbosa da bomba n.º 4 que ganhou o premio, assim como do cabo Albino da bomba n.º 3, porque ainda não vimos quem os possa exceder em tudo o que diz a respeito a trabalho em occasião de incendio.

Se já por mais do que uma vez temos censurado o procedimento do sargento Barboza, por actos que nunca deveria ter praticado, é porque somos justos e equitativos e não deixaremos agora de o ser não o elogiando pelos bons serviços que prestou. Estamos convencidos que se este e outros bombeiros tivessem tido quem os soubesse guiar e aconselhar, nunca teriam dado ensejo a poderem ser censurados.

Logo no principio do incendio um bombeiro municipal do Porto ficou gravemente ferido em resultado de uma queda do telhado de um dos armazens. Os trabalhos da extinção terminaram ás 9 horas da manhã, ficando ainda de prevenção uma bomba da villa.

No local do sinistro compareceram além dos commandantes dos bombeiros, o presidente da camara de Gaya e autoridades civis e militares.

Já por mais do que uma vez temos chamado a attenção de quem compete para o estado deploravel em que se acha o material da companhia de incendios de Villa Nova e a insufficiencia do pessoal, por falta de numero; porém tem sido baldadas os nossos queixumes.

Não podemos deixar de censurar as companhias seguradoras, cujo desleixo e abandono é inqualificavel, porque não só não pedem providencias, mas não procuram tambem impedir que os seus interesses sejam ameaçados, fazendo aquisição de boas machinas que sejam apropriadas para tão terriveis calamidades.

Ainda não seremos ouvidos ou esperam que alguma desgraça maior os obrigue a tomar as providencias que ha muito reclamamos?

8 DE FEVEREIRO—A's 3 1/2 da manhã, rebote falso, chamando socorros para a travessa da Picaria, para o predio habitado por D. Maria Augusta Ferreira Leal. Ganhou o premio a bomba n.º 1. Deu causa ao alarma um toque de apito, na supposição de que andavam ladrões em casa e a patrulha imaginar que era fogo.

9 DE FEVEREIRO—A's 8 horas da noite, toque de incendio chamando os socorros para Villa Nova de Gaya por causa do desabamento de um muro nas tražeiras do armazem de vinhos, de que é proprietario Antonio José do Nascimento Leão e inquilino William Rawes. D'este desmoramento resultou desabar parte do dito armazem que continha cerca de 300 cascos cheios de vinho, perdendo-se 100 ou mais.

As bombas ainda chegaram a comparecer, mas retiraram em seguida por ordem do inspector dos incendios do Porto, visto não ser necessario o seu auxilio.

Correspondencia do Rio de Janeiro

Nada tem occorrido de notavel no serviço de incendios, a não ser a collocação das caixas electricas para dar aviso á estação central do corpo de bombeiros.

As caixas ficam collocadas em frente das estações de policia, de forma que havendo qualquer incendio basta avisar o posto policial mais proximo. Cada caixa é numerada, e dando-se o signal, indica na estação central o numero correspondente ao lugar aonde se transmite o aviso.

E' este um grande melhoramento, não só por ser mais rapido, mas tambem por ser muito mais exacto, e não estar sujeito a enganos de contagem de badaladas como ali succede, fazendo com que muitas vezes ande o corpo de bombeiros á procura do incendio, deixando de comparecer com presteza, onde os seus serviços são reclamados. E' mais um melhoramento introduzido pelos dignos commandante Neiva e Girard, que são incansaveis em melhorar o serviço da sua direcção.

Depois de uma boa noticia tenho de dar uma má; mas como chronista não a posso occultar. Transcrevo sobre o caso o que diz o «Cruzeiro» de hoje, edição da manhã, n.º 41.

Desordem e ferimentos.—No posto de bombeiros no largo da Carioca apresentou-se hontem, ás 2 1/2 horas da tarde, um caixeiro de uma casa de pas-

to na rua de S. José, e travou-se de razões com o bombeiro Henrique Elias Gonçalves.

Prevenido o sargento do posto, este acudiu logo e fez retirar o caixeiro.

Ao que parece, não era isso que queria Elias Gonçalves, pois voltou-se contra o sargento a quem agrediu com uma navalha e fez dous ferimentos na cabeça.

Ao verem isso, as outras praças, em vez de acudir ao ferido, abandonaram o posto.

Ao ver-se abandonado, Lobo de Avila, que assim se chama o offendido, começou a gritar por socorro.

O sargento de urbanos da 4.ª estação acudiu com presteza, acompanhado de um guarda, que conseguiu depois de renhida lucta, prender o offensor, ficando aquelle ferido na mão esquerda.

O sr. director do corpo de bombeiros, ao saber do occorrido, mandou substituir a guarnição do largo da Carioca.»

Lamento que este facto se desse; mas felizmente são pouco vulgares aqui. O criminoso foi expulso e entregue ao poder criminal para responder perante o tribunal pelo crime commetido. Do mais que succeder sobre este acontecimento transmitirei.

O correspondente de Lisboa para o «Cruzeiro» diz que os bombeiros que salvaram o trabalhador Antonio Caetano, o *entaipado*, foram hontem chamados ao paço por ordem de el-rei, que os elogiou sua philantropica bizzarria e valor humanitario.

Ainda bem que em Lisboa são reconhecidos os serviços d'esse punhado de valentes, que mereceram o elogio de el-rei, e oxalá a camara d'essa cidade imitasse o exemplo dado, elogiando e remunerando os bombeiros que prestarem tambem serviços relevantes.

Ainda me lembro das inundações de 1876 em que os bombeiros voluntarios tantos serviços prestaram, sem que ao menos lhes agradecessem!

Diz mais o correspondente, que el-rei mandou hontem 50 libras aos bombeiros que salvaram Antonio Caetano. Este trabalhador continua melhor. Cada um dos bombeiros recebeu da camara municipal a gratificação de 12\$000 réis.

Não me consta que a nossa camara municipal d'ahi tenha gratificado até hoje com qualquer quantia bombeiro algum; mas a razão é facil de adivinhar: os bombeiros de Lisboa tem por commandante um homem brioso que sabe honrar a farda que veste; tem Carlos José Barreiros, o amigo dedicado dos seus companheiros de trabalho—e no Porto, infelizmente não tem havido até hoje commandante algum da companhia de incendios que estivesse na verdadeira altura para tão importante posição.

Felizmente, aqui a direcção do serviço dos incendios está confiada a pessoas habeis e cuja respeitabilidade todos reconhecem.

Rio de Janeiro 13 de Janeiro de 1879.

A.

Bombas Fluctuantes

Como prova de que não tem sido exagerados os elogios feitos por nós aos acreditados fabricantes de bombas e utensilios para incendios, os srs. Merryweather & Sons de Londres e que se temos encarecido a efficacia e merecimentos das bombas fluctuantes por elles construidas, apenas temos sido justos e cumprido com o nosso dever, transcrevemos com a devida venia do

periodico «A Actualidade», a seguinte noticia, que publicou no dia 13 do corrente:

A nau ingleza *Duke of Wellington*, do commando do almirante Fanshawe, esteve em risco de ser destruida por fogo na tarde de 4 do corrente. O incendio tinha-se manifestado n'um deposito do porão onde se guardava estopa e velas usadas, desenvolvendo-se com uma rapidez espantosa, e se não fossem promptos socorros que tinham sido enviados dos arsenaes de Portsmouth, a nau seria completamente destruida. As bombas fluctuantes de Merryweather é que salvaram esta embarcação de guerra.

Varias noticias

Já foi levantada a suspensão ao fiscal do material da companhia de incendios d'esta cidade, o bem conhecido Almeida.

Tememos que o pequeno castigo que soffreu não seja sufficiente para que se regenere.

**

Tem sentido algumas melhoras o sr. Eduardo de Souza Pereira, segundo patrão do corpo de bombeiros voluntarios d'esta cidade.

Os nossos sinceros parabens.

**

Tem estado n'esta cidade os bombeiros voluntarios de Braga, Lourenço e Eduardo Magalhães.

**

Vae em mnto boa via de realisação a projectada companhia de bombeiros organizada em Ponta Delgada. Já tem tido alguns exercicios.

**

No logar da Feiteira (Fayal) houve um incendio na morada do sr. Manoel Silveira dos Santos, abastador-lavrador. Tudo foi pasto das chammas sendo os prejuizos consideraveis.

**

Segundo lêmos n'um diario de Braga a companhia Dramatica Portugueza anda ensaiando para subir brevemente á scena, uma comedia escripta pelo sr. Gaspar Leite d'Azevedo, illustrado inspector d'incendios n'aquella cidade.

**

Na noite de 20 de dezembro passado manifestou-se incendio no lazareto de Mecejana (Ceará) onde se achavam recolhidos cerca de 100 variolosos. O fogo foi violento e em poucas horas a casa, que era toda de palha, estava reduzida a um montão de ruinas. Não houve felizmente victima alguma a lamentar.

**

No mez de janeiro houve em Lisboa 9 incendios, e com estes dispendeu o municipio a quantia de réis 565\$200.

Publicações

Temos sobre a banca a «Aurora de Gaya» seminario noticioso e commercial destinado a advogar os interesses de Villa Nova de Gaya.

São seus proprietarios o nosso amigo Eduardo da Costa Santos e o sr. B. S. Lucas.

Fiamos em que occupará na imprensa logar distincto e que caminhará desassombradamente n'um caminho onde se encontram tantos desenganos, onde se colhem tantos desgostos.

—«O Contemporaneo». Publicou-se o n.º 61, 1.º de 5.º anno. Vem adornado com um primoroso retrato de S. M. a rainha. A empresa do «Contemporaneo» passou a ser propriedade dos srs. João d'Almeida Pinto & C.ª E' esta publicação uma das mais elegantes e recommendaveis.

Correspondencia recebida na administração d'este periodico de 1 a 13 de fevereiro

Caldas de Vizella—Do sr. Antonio Pedro de Barros Lima.

Villa da Feira—Do sr. Arthur Guilherme Bandeira de Castro.

Lisboa (em 7)—Do sr. Julio Carneiro.

Lamego—Do sr. Antonio Joaquim Vieira de Magalhães.

Aveiro—Do sr. Antonio Barreto Ferraz Sachetti.

Lisboa (em 10)—Do sr. Julio Carneiro.

Lisboa—Do sr. Antonio Pedro.

Villa Nova de Gaya—Do sr. João Vieira d'Andrade.

Expediente

Para regularidade da nossa escripturação, e até por conveniencia para os nossos assignantes, resolvemos cobrar adiantadamente a nossa assignatura no Porto, por trimestre, nas provincias por semestre e no estrangeiro por annuidrdes.

ANNUNCIOS

IMPRESA CIVILISAÇÃO

DE

SANTOS & LEMOS

8—RUA DE SANTO ILDEFONSO—10

N'esta typographia, recentemente montada, toma-se conta de toda e qualquer obra não só respeitante á mesma, mas tambem de lytographia.

ESPECTACULOS

Domingo 16 de fevereiro

R. THEATRO DE S. JOÃO — Estreia do baritono Quintilli Leoni. — A opera «Un Ballo in maschera». — A's 7 e meia.

THEATRO BAQUET— A magica «O gato Preto». — A's 7 e meia.

THEATRO DA TRINDADE— Dois espectaculos— O 1.º ás 4 horas da tarde e o 2.º ás 8 da noite.

IMPRESA CIVILISAÇÃO DE SANTOS & LEMOS

8—RUA DE SANTO ILDEFONSO—10